

Selic maior prejudica consumo do pobre

Alta de juros, forçada por itens de classe média, tende a afetar prazos do crediário

Flávia Oliveira e Isabel Kopschitz

• O neoconservadorismo do Banco Central (BC) ao reiniciar a trajetória de alta dos juros básicos tende a prejudicar mais os que têm menos. Enquanto o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), referência do sistema de metas, apresentou variação de 5,14% nos oito primeiros meses de 2004, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), tido como a inflação dos pobres, subiu 4,41%. É o sinal de que está na cesta de consumo das famílias mais abastadas a pressão inflacionária que detonou a primeira elevação da Selic em 18 meses.

— A diferença básica entre o IPCA e o INPC é o peso maior das tarifas públicas, dos combustíveis e dos serviços, itens típicos do consumo da classe média. São estes os preços que mais têm subido. Ou seja, os reajustes estão concentrados no espectro mais alto de renda. No entanto, a alta de juros é mais danosa para os pobres, porque tende a interromper o alongamento dos prazos do crediário, que estava se intensificando — diz o economista Luis Otávio de Souza Leal, da ASM Asset Management.

Leal recalculou o IPCA e o INPC de 2004 anulando efeitos dos reajustes de mensalidades escolares, telefonia fixa e móvel, combustíveis e planos de saúde. Em vez de 0,73

ponto percentual, a diferença entre os dois índices cairia para 0,15 ponto (variação de 4,03% no primeiro e de 3,88% no segundo). Ou seja, as classes mais altas aceitam uma inflação muito maior para ter acesso a bens e serviços que são menos presentes no dia-a-dia dos mais pobres. Entretanto, a política monetária contracionista traz mais danos às classes baixas.

Neri, da FGV: 'A política de juros altos é socialmente mais custosa'

O economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV), já assinou estudos que mostram que a elevação dos juros têm impacto altamente nocivo na renda dos mais pobres. Por outro lado, diz, até agora foram eles que menos sofreram com a alta da inflação:

— A política de juros altos é socialmente mais custosa. Mas não podemos perder de vista uma boa notícia: os dados mostram que este ano, felizmente, os pobres estão sendo menos prejudicados pela inflação.

Eles próprios têm dúvidas. A acompanhante Geni Ferreira de Abreu gasta no supermercado metade dos R\$ 300 que ganha por mês. Já se habituou a tirar do carrinho os alimentos mais caros, como carne e frango, e os supérfluos, caso dos biscoitos recheados.

— Quando alguém fica doente, tenho que

cortar gastos no mercado, para comprar remédios. No mês passado gastei mais de cem reais com antibióticos — diz Geni, viúva e mãe de dois filhos, que estudam em escola pública.

Já a digitadora Ana Lúcia da Concelção substituiu marcas de alguns produtos de limpeza e passou a comprar, em vez do frango inteiro, apenas coxas e partes avulsas, por causa do preço alto. Na renda mensal de R\$ 800, R\$ 350 ficam no supermercado. Casada e com uma filha, ela vendeu o carro na semana passada para adquirir um computador:

— Nunca fui de gastar com supérfluos, como logurtes, queijo e presunto. Agora, isso está ficando cada vez mais raro.

Os analistas são unânimes em afirmar que os juros altos prejudicam especialmente o consumidor de baixa renda, que depende muito do crédito de longo prazo. Mas não são capazes de afirmar que a Selic não teria subido se a referência para o sistema de metas fosse o INPC — a taxa está a mais de um ponto percentual do ponto central deste ano (5,5%). Para Elson Teles, da Fides Asset Management, a taxa está compensando em 2004 as altas excessivas dos últimos dois anos. ■

• PARA ECONOMISTAS, BC DESISTIU DA META CENTRAL DE INFLAÇÃO EM 2005,

na página 22